

## MANGUEZAL DO RIO COTINGUIBA: ECOMUSEU E PATRIMÔNIO AMBIENTAL EM LARANJEIRAS - SE

Eixo 01 - Informação, desenvolvimento e sociedade.

Iris Christina dos Santos LIMA<sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo tem como objetivo mostrar a importância e a necessidade de se criar um Ecomuseu na cidade sergipana de Laranjeiras, a fim de que a população local associe-se ao seu patrimônio, salvaguardando-o para gerações futuras, visando não somente a melhoria da qualidade patrimonial da cidade, como também a preservação de um ecossistema importante para uma melhor qualidade de vida. A metodologia que está sendo utilizada é bibliográfica. A pesquisa encontra-se em andamento e como conclusão inicial destaca-se a relevância da preservação do Manguezal do Rio Cotinguiba.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ecomuseu. Manguezal. Rio Cotinguiba.

### ABSTRACT

The article aims to show the importance and the need to create an eco-Museum in the city of Laranjeiras, Sergipe in order that the local population join the your heritage, preserving it for future generations, aimed at not only improving the quality of assets of the city, as well as the preservation of an important ecosystem for a better quality of life. The methodology being used is a bibliography. The research is in progress and as initial conclusion-if the relevance of Mangrove preservation of the Cotinguiba.

**KEYWORDS:** Ecomuseum. Mangrove Forest. Cotinguiba.

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Pedagogia (2005) e Pós-graduação em Educação Inclusiva (2007) pela Associação de Ensino e Cultura Pio Décimo S/C Ltda e cursa Museologia na Universidade Federal de Sergipe (UFS), atuando nos seguintes temas: educação, patrimônio, gênero, meio ambiente, tecnologia, artes e ecomuseu. Atualmente é professora do SESI. Membro do Grupo de Pesquisa Educação, Tecnologias e Contemporaneidade (GPETEC). iris\_christina@hotmail.com

## 1 Introdução

O artigo consiste em reconhecer o manguezal da cidade de Laranjeiras como Patrimônio Natural, fomentando a criação do “Ecomuseu de Laranjeiras”. A função deste é sensibilizar as futuras gerações quanto à conservação e preservação desse ecossistema, a fim de favorecer a apropriação e a valorização do patrimônio laranjeirense.

O manguezal da cidade de Laranjeiras é um relevante patrimônio natural devido às suas riquezas, composto por animais e por uma diversidade vegetal, de onde as pessoas retiram o seu sustento. Por tal motivo, a comunidade precisa se conscientizar da necessidade de se apropriar e valorizar seu patrimônio, através da criação de um Ecomuseu<sup>2</sup> no município. A intenção em desenvolver este trabalho é dar evidência a um meio ambiente pouco conhecido e desvalorizado pela população, qual seja, o manguezal. O ecossistema, que deveria ser reconhecido pelo ser humano como um berço da vida marinha, é visto de forma quase insignificante. Todavia, a valorização só ocorre quando o proveito existe em causa própria.

Para maiores esclarecimentos sobre a importância do ecossistema manguezal, eis a definição da controvertida diferença entre mangue<sup>3</sup> e manguezal sugerida por Schaeffer-Novelli (2000, p.22), na obra *Aquatic Ecosystem Health and Management*: “O termo mangue é usado para designar um grupo de diversas árvores tropicais e arbustos pertencentes a famílias não relacionadas que compartilham características fisiológicas e adaptações [...]”

A partir desse conceito, percebemos a necessidade de criar mecanismos para preservar esse ecossistema/manguezal, criando uma relação entre o homem, o meio

---

<sup>2</sup> De acordo com o Ecomuseu de Santa Cruz-RJ, Ecomuseu é um espaço de relações entre uma comunidade e seu ambiente natural e cultural, onde se desenvolve, através das ações de iniciativa comunitária, um processo gradativamente consciente e pedagógico de patrimonialização, apropriação e responsabilização dessa comunidade com a transmissão, cuidado e transformação do patrimônio comum e, conseqüentemente, com a criação do patrimônio do futuro. A partir dessa prática, a comunidade se conscientiza do seu papel e responsabilidade com o patrimônio, usando-o como um dos recursos para o desenvolvimento local (Entrevista realizada via e-mail. MAGALDI, Monique Batista. Entrevista Ecomuseu de Santa Cruz

<sup>3</sup> O termo mangue é usado para designar um grupo florístico diverso de árvores tropicais e arbustos pertencentes a famílias sem parentesco que dividem características fisiológicas e adaptações especiais que permitem sua persistência em inundações, salinidade, oxigênio reduzido e a não consolidação de substratos. ‘Mangue’ é também utilizado para denotar uma comunidade de floresta de mangue ou um ecossistema de manguezal, o meio de interações entre plantas, animais e microorganismos ocupando uma área de mangue e seu ambiente físico. Florestas de mangue ou ecossistemas são variavelmente referidos como florestas de marés, floretas de mangue, mangues de pântano ou manguezal. (tradução livre), (Schaeffer-Novelli et al,2000, p. 562)

ambiente, o saber e o artefato, visando assim o patrimônio natural pautado no processo da Nova Museologia<sup>4</sup>, relacionada com a Declaração de Oxaxtepec (1984), que coloca a indissolúvel relação de território-patrimônio-comunidade.

A Declaração de Santiago do Chile e seus progressivos avanços e a confirmação em Quebec (1984) e Caracas (1992) inseriram no questionamento museológico o conceito de “patrimônio integral”<sup>5</sup>, onde a comunidade possa selecionar os bens de valor simbólico, visando a apropriação e a valorização patrimonial em prol do desenvolvimento social, cultural, econômico e educacional.

Diante do exposto, este artigo vem propor à comunidade laranjeirense a criação do “Ecomuseu de Laranjeiras”, para que a população apreenda, de forma consciente, a importância do manguezal como patrimônio natural. Jean Clair (1976, p.32), coloca que o Ecomuseu prolonga e reforça as diversas formas de atividade museológica, acrescentando-lhes uma abertura original nunca vista antes. Diz ainda que "museu do espaço e museu do tempo, ele se ocupa de apresentar, por sua vez, as variações de diversos lugares num mesmo tempo, de acordo com uma perspectiva sincrônica, e as variações de um mesmo lugar em diversos tempos, de acordo com uma perspectiva diacrônica".

Laranjeiras, além de ser considerada por historiadores como o berço da cultura sergipana, é um local que aglomera diversas riquezas naturais, sendo ainda espaço cativo de pescadores locais que tiram dele, o sustento de toda da sua família.

O manguezal do Rio Cotinguiba fica localizado na região central de Laranjeiras, sendo visto diariamente pela sociedade e pela comunidade acadêmica do Campus Avançado da Universidade Federal de Sergipe, sendo notórios alguns processos de poluição, fazendo com que os estudantes venham a refletir sobre a trágica paisagem abandonada pelos órgãos competentes. Aí surgem algumas questões: por que as pessoas

---

<sup>4</sup> As discussões em torno do papel social dos museus, e mais especialmente, do seu papel pedagógico e da sua relação com o público, foram acontecendo em um processo gradual, provocadas pelas mudanças na sociedade como um todo, refletindo no interior das instituições, como a UNESCO, e o ICOM, como pode ser constatado nos documentos produzidos nos encontros de 1958 e 1971. O seminário regional da UNESCO realizado no Rio de Janeiro, em 1958, é parte de um projeto que tinha como objetivo discutir, em várias regiões do mundo, a função que os museus deveriam cumprir como meio educativo. (Santos, 1999 p.2).

<sup>5</sup> De acordo com a professora Cristina Bruno (1996), Patrimônio Integral é o conjunto de bens que deve ser preservado para a identidade e integridade dos seres vivos.

ainda não começaram a atuar frente a esse processo? Será que falta força de vontade por

parte de alguns e sobra comodismo por parte de outros?

No âmbito municipal, as políticas públicas devem ser trabalhadas a fim de favorecer o crescimento de ações inerentes ao manguezal do Rio Cotinguiba, para que venha fortalecer a questão do patrimônio ambiental, sendo necessário aglutinar-se a outras instituições, sejam elas em esfera estadual, federal e privada. Assim, todos estarão engajados em prol da preservação do manguezal do Rio Cotinguiba e da provável criação do Ecomuseu de Laranjeiras, sendo certo que, à medida que o tempo vai passando, aumenta a responsabilidade no desenvolvimento destas ações, tendo em vista o aumento populacional e a crescente destruição do mangue.

Além dessa integração entre os vários órgãos, faz necessário o fortalecimento de emaranhada equipe que vá, ao longo dos anos, erradicando o conceito que muitas pessoas têm de prejudicar o Ecossistema Manguezal, por causa da falta de conhecimento. Devemos ter consciência da preservação do supracitado manguezal, fazendo com que gerações futuras possam alcançar e se beneficiar dos recursos nele existentes. Vemos este artigo como algo que informará e despertará a sensibilidade humana nos leitores, para a questão da preservação de um patrimônio, que está sendo agredido constantemente por ações humanas de forma inconsequente.

O manguezal do Rio Cotinguiba em Laranjeiras vem padecendo ao longo dos anos e, se nada for feito, continuará a sofrer ações degradantes. Chegará um dia em que iremos procurar um bem-estar, um lazer, uma água e não iremos encontrá-los, devido à falta de compromisso para com os mesmos e com as gerações futuras, as quais irão sofrer essas consequências com mais gravidade, pois não podemos olvidar que precisamos da natureza para sobreviver e não podemos deixar que ela seja transformada de forma degradante, tornando-se algo efêmero em nossas vidas.





Imagem 01: Manguezal do Rio Cotinguiba

Fonte: Terezinha Bruno, 2011



Imagem 01: Manguezal do Rio Cotinguiba

Fonte: Terezinha Bruno, 2011





Imagem 01: Manguezal do Rio Cotinguiba

Fonte: Terezinha Bruno, 2011

A pesquisa espera que, em futuro próximo, criar estratégias para conscientizar os cidadãos da relevância que o mangue tem para as pessoas, através de projetos de educação patrimonial, que fomentem a questão da preservação do manguezal do Rio Cotinguiba. Almeja-se, também, a participação da comunidade entorno, para que o processo venha a ser concretizado de maneira participativa e democrática, gerando assim, a consciência para a problemática de salvaguardar o patrimônio tão agredido pela população.

## 2 Desenvolvimento

Para Santos (1992), as margens do Rio Cotinguiba são formadas por matas ciliares, que são uma formação florestal típica de áreas restritas ao longo dos cursos d'água, em locais sujeitos a inundações temporárias, em nascentes e olhos d'água, sendo formação vegetal está diretamente relacionada com o clima.

Sergipe está localizado na parte oriental da Região Nordeste, sendo controlado, durante todo o ano, pelo anticiclone semifixo do Atlântico Sul, que, emitindo os ventos alísios de sudeste e leste, origina as massas de ar equatorial atlântica e tropical atlântica.

O clima da área da bacia é do tipo semiúmido, encontrado a partir do litoral, numa faixa de 20 a 40 km de largura. As chuvas distribuem-se durante todo o ano, concentrando-se de abril a agosto, havendo somente de um a três meses secos. A temperatura mantém-se em torno de 25° C e pouco varia ao longo dos meses, pela proximidade do oceano. Os efeitos da seca são poucos observados, por se tratar de uma região de rios perenes e chuvas frequentes.

O Estado comporta pequenas bacias fluviais. A bacia hidrográfica do Cotinguiba ocupa uma área de 330 km<sup>2</sup>. O Rio Cotinguiba é de pequena extensão, com cerca de 50 km, e é um dos principais afluentes da margem direita do Rio Sergipe. Nasce em Laranjeiras e depois de percorrer trechos do clima semiúmido e úmido, despeja suas águas no leito do Rio Sergipe, em forma de estuário. O seu escoamento é do tipo exorreico, tendo em vista que ocorre de modo contínuo até o mar.

A área em estudo insere-se na unidade superior colinosa do Cotinguiba, onde predominam colinas de topos convexos. O solo predominante é o massapé, de aspecto pegajoso, textura argilosa, coloração escura e fertilidade alta, não precisando de adubação. Na área há também a presença de outros solos, como o brunizem avermelhado e os típicos de manguezais.

A Mata Atlântica original cobria cerca de 12% do território nacional. Hoje, encontra-se reduzida a cerca de 5% da cobertura vegetal. No estado de Sergipe, ela cobria 40% do território, restando apenas 0,1%, sob a forma de pequenas manchas descontínuas, totalmente devastadas, existindo apenas nos topos de algumas colinas e sopé de serras e em áreas de preservação nacional. Estas manchas são, entretanto, matas secundárias, pois, com a extração de madeira de lei, restam apenas poucas espécies de valor comercial, devido à ação do homem para com a natureza, em especial do Ecossistema Manguezal do Rio Cotinguiba, a qual está sendo devastado.

A recuperação da Mata Ciliar ao longo do curso do Rio Cotinguiba é complexa, tendo em vista que a degradação pode ocorrer em virtude das mais diversas atividades

humanas no uso inadequado dos recursos naturais. A floresta, um recurso natural exaurível renovável, possui um papel protetor para o solo e para o manguezal do referido rio.

## 2.1 Patrimônio e Educação: Forma de Conscientização

A educação tem papel crucial na conscientização da importância do patrimônio. Em assim sendo, o tema “patrimônio” (natural, cultural, material, imaterial) deve ser incluído em todos os níveis e programas de educação, como essencial na construção das identidades da população. Além disso, a formação regional continuada de professores de 1º e 2º graus deve ser implementada e vista como elemento-chave na valorização e na entrega dos bens às futuras gerações.

Para implementar esse processo, estratégias diversas de mobilização da comunidade devem ser adotadas para a discussão do patrimônio, quer seja através da realização de oficinas de formação continuada de facilitadores de museus comunitários e ecomuseus, quer seja através do estímulo às iniciativas locais comunitárias nas ações de educação e responsabilização pelo patrimônio.

O aproveitamento do patrimônio e das competências existentes na comunidade deve ser consciente, inclusive com a aproximação e sensibilização dos parceiros econômicos.

As políticas públicas não devem apenas se preocupar em criar uma instituição museológica, mas também com a sua gestão e sustentabilidade. Uma das formas é a manutenção regular de encontros e congressos, bem como de outros mecanismos de comunicação, tais como as publicações ou a internet, de forma a permitir: a) a definição de uma linguagem comum entre os museólogos, tanto do ponto de vista lexicográfico, como também da compreensão dos conceitos aplicados no desempenho das funções; b) a partilha e difusão continuada de modelos e experiências entre os agentes.

Outras medidas podem ser adotadas: a promoção de programas de sensibilização e formação junto às populações; a inclusão, nos programas de ensino escolar, da aprendizagem simultânea de matérias humanísticas e científicas; e a inclusão, nos cursos de licenciatura e pós-graduação de Museologia, de matérias como



Marketing e Comunicação, Gestão Financeira, Organização e métodos de trabalho, Liderança a Implementação de Sistemas da Qualidade.

A realização periódica e regular de encontros, congressos, simpósios, e seminários, que permitam a troca de experiências, práticas e estratégias adequáveis a diferentes comunidades é uma forma de garantir a construção democrática do patrimônio para gerações futuras.

O conceito de preservação com o patrimônio deve ser redimensionado, de forma a suscitar no cidadão o interesse na conservação. Os museus comunitários e os Ecomuseus devem ser usados como porta-voz da comunidade, através de ações de valorização e exposição do patrimônio, viabilizando-se, sempre, o intercâmbio permanente entre eles.

## 2.1 O Lugar da Comunidade no Museu

O museu está geograficamente localizado num determinado território e inserido dentro de uma comunidade humana complexa. Apesar de não ser a única expressão cultural desse território, o museu faz parte do seu (dele) equipamento territorial e representa um papel importante nas dimensões cultural, social e econômica do desenvolvimento. Qualquer que seja a natureza do museu, ele deve se preocupar com o papel que a comunidade nele exerce.

Existem três modos de participação dos cidadãos na vida do museu estabelecido em seu território. A prática mais comum é a da visita desejada, escolhida pelos habitantes do próprio território onde se situa o museu. Em seguida, encontramos os chamados “amigos do museu”, pessoas generosas, apaixonadas e dinâmicas que propõem seus serviços a museu que os agrada.

Por fim, temos aqueles que se põem a serviço dos profissionais responsáveis pelo museu, os chamados voluntários, que fornecem meios materiais e imateriais para o desenvolvimento da instituição e, em troca desses aportes, recebem uma notoriedade social e uma satisfação moral e intelectual, além de outras vantagens específicas, tais como uma ajuda para a gestão de seu próprio patrimônio ou formação sobre um

conhecimento detido pelo museu.

## Considerações Finais

O manguezal do Rio Cotinguiba possui ecossistema de grande importância no equilíbrio ecológico, sendo um berçário favorável para o desenvolvimento de muitas espécies de animais e vegetais. É muito valioso o estudo do manguezal e a criação do “Ecomuseu de Laranjeiras”, principalmente para a preservação deste meio. Só quem vivencia diariamente das riquezas de um manguezal sabe o quanto é importante sua preservação.

A conscientização, a proteção e a conservação dos manguezais são de fundamental importância para a preservação de sua estrutura ecológica. Vários produtos podem ser obtidos dos manguezais, como matéria prima para fabricação de medicamentos, álcool, óleos entre outros. Sua área pode ser utilizada para o turismo

ecológico, educação ambiental, apicultura e criação de outras espécies marinhas. Dessa maneira pode-se notar que o manguezal tem muito a oferecer, porém todo seu potencial deve ser explorado de maneira racional, visando o princípio da sustentabilidade, ou seja, atendendo às suas necessidades de recomposição.

Por fim, entendemos que as pessoas para proteger o manguezal do Rio Cotinguiba precisam ser promotores e atores da chamada “política endógena do patrimônio.” Não são público ou voluntários, mas cidadãos que fazem seu museu. Esses voluntários são, essencialmente, militantes do patrimônio e consideram-se participantes de um processo mais global de desenvolvimento de seu território, trazendo-lhe um novo instrumento de conhecimento, de valorização, de proteção de um patrimônio comum, com uma finalidade de transmissão.

No ambiente territorial e humano do Ecomuseu existem competências e energias que podem e devem ser mobilizadas e colocadas em ação em prol do mesmo.

As competências profissionais dos técnicos, gestores, professores, especialistas de turismo ou do comércio, devem ser identificadas e adaptadas às necessidades do ecomuseu. Cada visitante, cada amigo é, potencialmente, um conselheiro, um

participante, um responsável pelo patrimônio. As energias que existem em cada comunidade, desde que se compreenda o valor e o potencial de um projeto como o de um Ecomuseu.

O Ecomuseu, como instituição cultural, dedicada ao patrimônio comum não pode existir verdadeira e culturalmente fora do território. Tal Ecomuseu seria um simples lugar comercial, de consumo e de lazer, ou uma instituição de ciência pura. Para continuar cultural, ele deve estar enraizado no terreno e se nutrir da cultura viva da comunidade que o envolve.

Esta pesquisa espera que em futuro próximo, não somente a política local, mas também o campus da UFS possa criar estratégias para conscientizar os seus alunos da relevância que o mangue tem para as pessoas, através de projetos de educação patrimonial que fomente a questão de preservação do Manguezal do Rio Cotinguiba. Espera-se também a participação da comunidade entorno para que o processo venha a ser concretizado de maneira participativa e democrática e ética, gerando, assim, o gosto que as pessoas possam vir a ter quanto problemática de salvaguardar o patrimônio tão agredido pela população.

E assim espera-se ter mais um museu em Sergipe, já ousadamente intitulado por este trabalho de “Ecomuseu de Laranjeiras”.

## Referências

BRUNO, Cristina. **Museologia e Comunicação**. Caderno de museologia (9) Lisboa: Centro de Estudos de Sócio- Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1996;

CORREIA, C. O ET AL. **Mapeamento da Mata Atlântica e seus ecossistemas associados em Sergipe**. Aracaju, 1997, 17p.

Entrevista realizada via e-mail. MAGALDI, Monique Batista. Entrevista Ecomuseu de Santa Cruz [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <moniquemagaldi@yahoo.com.br> em 11 de out.2003 e 8 de mai. 2005).

MARCONI, M. de A., LAKATOS E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2.ed.rev e aum. São Paulo: Atlas, 1990.p.88.



MACHADO, Jurema. (org.). **Patrimônio Mundial no Brasil**. 3ªed. Brasília: Conselho editorial da UNESCO no Brasil, out. 2004.

PRIMO, Judite. **Musicologia e Patrimônio: Documentos Fundamentais- Organização e Apresentação**. Cadernos de Sociomuseologia /nº16, p.11-15; ULHT, 1999; Lisboa Portugal;

SANTOS, L. M. **Levantamento florístico das matas e galeria da serra de Itabaiana SE**. Aracaju, 1992, b71p.